



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
PAÍS	-5. OUT. 1979	PODER POPULAR	

FIGURAS & FACTOS

O que faz correr M.L.Pintasilgo?

QUE faz correr Sammy? —

Título de um romance que fez época, a interrogação ficou como arquétipo em casos de dúvida quanto às motivações de personagens com comportamento algo estranho. Dele nos recordamos relativamente a primeiro-Ministro: o que faz correr M.L.Pintasilgo?

A pergunta surgiu-nos com acuidade ao atentarmos na soma de aspectos infelizes que assinalaram a deslocação da *Première* à ONU. Refiramos apenas alguns demonstrativos de como as finalidades depositadas pela chefe do Executivo na sua ida estiveram longe de ser correspondidas por resultados obtidos, o que se deve à ambição exagerada que a moveu e torna pertinente a pergunta: o que faz correr M.L.Pintasilgo?

Foi intenção da primeiro-Ministro solicitar ao Papa uma visita a Portugal, convite a efectuar por ocasião de uma entrevista que João Paulo II lhe concederia. Aconteceu, simplesmente, que o Sumo Pontífice, um chefe de Estado entre outros presentes mas com prerrogativas diferentes — graças ao carácter especial da chefatura que detém — falou com M.L.Pintasilgo apenas dois minutos. Cento e vinte segundos, o necessário para breve e protocolar saudação. Exactamente o tempo que Sua Santidade permitiu a outros estadistas e políticos desejando também a honra de um contacto que não podia outorgar de forma diferente à representante do Executivo português. A entrevista existira somente na imaginação e nos desejos de M.L.Pintasilgo. E sucede ainda — e aqui um mistério que Belém deveria desvendar... — que não compete, de nenhum modo, a um chefe de Governo convidar um Chefe de Estado, para mais tratando-se do Papa, a visitar o seu País, privilégio reservado aos que ocupam a suprema magistratura de uma Nação.

Outros aspectos que ombream o caricato marcaram o programa da visita da primeiro-Ministro engendrado irrealisticamente em Lisboa. Por exemplo: seria introduzida na assembleia-geral da ONU pelo secretário-geral da Organização, proclamaram os seus assessores de Imprensa, como se o facto correspondesse a deferência especial. Omitiram, e por razões óbvias, que gesto semelhante, imposto pelo protocolo, teve-o Kurt Waldheim, funcionário da ONU e não o seu primeiro representante, que é o presidente eleito das Nações Unidas, para os outros chefes de Estado ou de Governos que na assembleia estiveram presentes.

Embora não comunguemos do credo religioso que a primeiro-Ministro perfilha e faz questão de lembrar (a religião católica domina em Portugal, há que agradar...) inspira-nos, por formação e ética, a caridade cristã. Não insistiremos, por isso, noutros aspectos, e não foram raros, explicitando uma intenção que saiu gorada, a de M.L.Pintasilgo ao empolar o significado da sua visita. A deslocação à ONU não ficou assinalada pelo êxito retumbante que aspirava. O discurso que ali proferiu, em jeito quase polémico, inseriu-se num contexto bem conhecido no chamado «palácio de vidro». Mais não foi que uma dissertação de índole terceiro-mundista, igual a tantas escutadas na Organização onde têm maioria os países que se integram nesse bloco hoje dividido em sub-blocos. Falando para audiência limitada (a presença do Papa e uma alocução de Carter prendiam as atenções) o seu mérito, se é que o teve, passou ignorado, excepto para alguns plumitivos alcandorados a jornalistas que escrevem na Imprensa portuguesa.

Nada do que dissemos retorquiu, porém, à questão inicial: o que faz correr M.L.Pintasilgo? A autosuficiência que lhe é peculiar, junto com bem evidenciada dose de imodéstia (lem-

bre-se como rememora a sua «triumfante» carreira em organismos internacionais) não são sintoma de menos inteligência ou de falta de argúcia. Terá admitido, pois, se a vaidade não lhe obliterou a capacidade de análise, o inêxito dos seus propósitos mas deles não desistiu. Porquê? Os efeitos internos da iniciativa em que se empenhou revelaram-se nulos e pode adiantar-se que aí o «tiro saiu pela culatra». Procuraria repercussões externas? Hipótese plausível. Com uma carreira na maior parte do tempo preenchida em organismos internacionais, é bem possível que fosse e seja esse o intuito que a faz correr: a formação de imagem que num amanhã a chegar cedo, finda a «marcha dos 100 dias» que ultrapassará o centénio de jornadas, lhe proporcione em instituições internacionais lugar de relevo não garantido, após as eleições, como representante portuguesa, pela previsível formação do futuro Governo.

Mas vivemos em Portugal, com multido de aspirações por mudanças, não importantes para nós que o plano de salvação mundial expostos pela primeiro-Ministro na ONU, e não podemos compadecer-nos dos anseios que porventura a inspirem. Pouco temos a ver com o discurso terceiro-mundista, género lição-tese, que proferiu em Nova Iorque. Para onde partiu, disse, «preocupada» com os incidentes de Montemor-o-Novo. Para onde partiu, diremos, deixando-nos preocupados com a sua actuação no infeliz caso que roubou a vida a dois homens vítimas de manobras comunistas. De maior valor que a exortação na ONU seria a acção que promovesse em prol do restabelecimento da ordem no Alentejo, onde o PCP continua a ditar leis ao arrepio do que está legislado e com o beneplácito da primeiro-Ministro. Se assim não é, se tal complacência não existe, como ajuizar a audiência que consentiu a Álvaro Cunhal quando o mandatário de Moscovo foi protestar contra os incidentes? Será que o secretário-geral de um Partido minoritário, e

antidemocrático pela sua prática, representa as UCP's (e o PCP, observe-se, nega qualquer interferência nessas organizações) ou o Povo alentejano? Será que em algum cérebro, excepto nos dos enganados trabalhadores alentejanos e dos militantes do Partido estalinista, surtiu efeito a alegação da responsabilidade das forças da ordem num incidente que teve declaradamente por finalidade diminuir a sua força moral (por falta de apoio oficial) e promover a desestabilização social?

Novamente M.L.Pintasilgo «meteu o pé na poça», passe o plebeísmo. E com ela, queira ou não, quem a nomeou e que, impávido e sereno, assiste às exorbitâncias primo-ministeriais, ao atropelo da legalidade, interfere indevidamente na próxima campanha eleitoral (ao admitir que pode alijar do Poder a Aliança Democrática, em caso de vitória desta, apesar de não se ver como, ao abrigo da Constituição que diz tanto prezar), multiplica-se em contactos pré-eleitorais (com vista à campanha para a Presidência, em que pretende figurar) e, ele que não esconde a sua orientação da política externa portuguesa, consente a recusa da concessão de asilo político a um saotomense, que sem pudor o ministro dos Negócios Estrangeiros negou sob a mentirosa alegação de o acto não se inscrever no direito consuetudinário nacional.

Temos de viver com o Presidente que temos e com a primeiro-Ministro que escolheu. Por ora e por pouco tempo. Aproximam-se as eleições intercalares e a opção é decisiva. O eleitor dotado de bom senso, o cidadão comum sem alienações partidárias, saberá escolher, mesmo que apenas optando pelo chamado voto útil. E o voto útil, para o País, é a preferência pela Aliança Democrática — até para que a impudicícia e a indignidade deixem de assentar arraiais entre nós.

J.M.Pereira da Costa